

Centelhas de um Diamante Negro ⁽¹⁾

Ivany Câmara Neiva ⁽²⁾

Universidade Católica de Brasília

Resumo: Trata-se da história de Atanázio, ex-escravo nascido por volta de 1860, artista de circo nas primeiras décadas do século XX e benzedor no interior de Goiás desde os anos setenta. O foco do artigo está no instante decisivo que o estimulou a contar sua trajetória de toureiro, a partir da revelação de fotos antigas que guardava. A narrativa se desenvolve em três tempos: o circo; a revelação da história; a releitura desse acontecimento, pela narradora.

Palavras-chave: memória; fotografia; circo.

1. Acontecimentos

Aconteceu em 1979, durante uma entrevista com Atanázio, um ex-escravo ⁽³⁾. A partir das onze fotografias antigas que guardava, e da curiosidade que despertaram em quem o entrevistava, Atanázio se animou a contar histórias do seu tempo mais feliz. Suas memórias revelavam acontecimentos do começo do século passado, quando era toureiro em seu circo mambembe Flor do México. E hoje, vinte e cinco anos depois da entrevista e da revelação, volto a pensar em Atanázio e no aprendizado desses anos. Relembrar suas histórias é também compreender de outra forma o que aconteceu naquele dia, em que se reavivaram as imagens das velhas fotos; é reler, é reconfigurar as reminiscências e os acontecimentos, re-significar as marcas do tempo e da memória, colocar como interlocutor, ao lado da experiência de Atanázio, o pensamento de quem teoriza sobre a imagem, a memória, o tempo, a narrativa. Lembramos Walter Benjamin, quando fala da reminiscência como fundante “da cadeia da tradição, que transmite os acontecimentos de geração em

geração”, tecendo “a rede que em última instância todas as histórias constituem entre si”⁽⁴⁾

Nessa viagem por mais de um século de história, nem sempre na ordem do antes e do depois, apenas duas datas podem ser precisadas: maio de 2004, o tempo da narradora; e outubro de 1979, quando a história de Atanázio foi revelada, pela fotografia. As outras referências de tempo se perdem, se encontram e se entrelaçam nas suas memórias. Comparando as reminiscências, estimamos que a companhia apresentou-se pelo interior do Brasil por mais de cinquenta anos, das primeiras décadas do século XX até os anos setenta.

Isso nos lembra Paul Ricoeur, também em uma entrevista, quando diz que “é preciso encontrar a incerteza da história”⁽⁵⁾, e pensamos nas discussões sobre o tempo, os acontecimentos, as datas ou a falta delas. Naquele momento interessavam as certezas do que era importante para Atanázio; importava mais a sua narrativa, o seu sentido do tempo, e menos a cronologia e a comprovação dos documentos.

Contar agora essas histórias torna presente, por exemplo, a teorização de Paul Ricoeur sobre tempo e narrativa. Ele constrói seu conceito de narrativa enquanto articulação temporal da ação, identificando como “mediações simbólicas constitutivas do ato de narrar e, como tal, da própria experiência compreensiva”⁽⁶⁾, três posições temporais: a do acontecimento descrito (a prefiguração), a do acontecimento em função do qual o primeiro é descrito (a configuração), e o tempo do narrador, que comunica a experiência a alguém (a refiguração).

Neste caso, os três tempos são: primeiro - o tempo do Circo (o acontecimento revelado e descrito); segundo - a revelação dessa história, a partir da fotografia (o acontecimento que levou à descrição do tempo do Circo); e terceiro – o tempo da narradora (quando o tempo da revelação é revisitado).

Os acontecimentos e as histórias aqui contados têm Atanázio Ferreira Santos como personagem. É ele, o **Diamante Negro** de quem vemos as centelhas.

Para ler este artigo na íntegra ver pdf abaixo anexado.

(1) Trabalho apresentado no NP 20 - Fotografia: Comunicação e Cultura, do IV Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom. Porto Alegre, 2004.

Outra versão foi publicada em 2004

na

Revista Brasileira do Caribe: Revista do Centro de Estudos do Caribe no Brasil

/ Universidade Federal de Goiás, vol. V, nº 9 (jul. / dez.), Goiânia, com o título “Vida de artista: imagens fugidias”.

(2) Socióloga, professora e pesquisadora do Curso de Comunicação Social e de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Católica de Brasília, onde participou do Núcleo de Estudos e Pesquisas da Imagem. É Diretora de Pesquisa do Instituto Mythus, de Olinda/ Desde 2008, é Doutora em História Cultural pela Universidade de Brasília. Fotógrafa e repórter fotográfica.

Contato: neiva3@terra.com.br .

(3) Marques, J. Este homem é um ex-escravo (ele carregou a Princesa Isabel no colo). Jornal de Brasília. Brasília, 21.10.1979.

Além de trechos da entrevista publicada, neste artigo foram utilizadas anotações feitas durante as conversas com Atanázio.

(4) Benjamin, 1936. O Narrador.

(5) Paul Ricoeur, entrevista na Revista Humboldt (publicada pelo Instituto Goethe), nº 79, 2001.

Centelhas de um Diamante Negro

Escrito por Ivany Câmara Neiva
Seg, 18 de Fevereiro de 2013 17:34

(6) Ricoeur. Tempo e Narrativa. 1994.